

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

Preços d'assignatura :

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias : — Por anno 1\$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs

Assigna-se e vende-se na Travessa de S. João n.º 10.
Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.
Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte. á redacção do FUTURO, Travessa de S. João n.º 10.
Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

3.º ANNO

BRAGA 18 DE MARÇO DE 1872

O DIA 19 DE MARÇO

OU O

Anniversario natalicio do «Futuro»

Laetetur et exultetur in ea die

Alegremo-nos e exultemos com este dia.

PSALMOS.

Na arena espinhosa e arriscada da imprensa, nas lides porfiadas e severas do pensamento e discussão, nos caminhos assolhados d'abrolhos e tapetados de espinhos, continúa com novo ardor e maior denodo, a luta de dois annos, este humilde campeão da legitimidade este fiel, embora não experimentado, soldado da patria, vestindo hoje, como hontem, a armadura d'antigos tempos, manejando armas brancas e leaes, trazendo no elmo o emblema de glorias passadas e sustentando no escudo estas palavras que são o motivo de todos os seus trabalhos, a explicação de todos os seus esforços, o fim de todos os seus sacrificios — *combatamos pela lei e pela grei.*

Não duvida estenuar-se de forças, minguar-se de vida para erguer do chão, aonde os tombára o tufão revolucionario, e collocar no antigo pedestal de grandeza e gloria, esses brazões symbolo de sua fé, synthese de suas crenças, compendio de suas ideias, resumo de seus sentimentos — as tabuas do Sinai e o escudo d'Ourique. E' a cruz e as quinas, plantadas, com os principios que defendemos, por nossos paes, nos plains virgens da Asia, Africa, America e Oceania, que nós queremos vingar das blasphemias do impio, dos sarcasmos do hereje, das zombarias do libertino, dos desprezos do indifferente, dos sophismas do philosopho, dos esquecimentos do politico.

Preferimos Deus a tudo, porque é elle a primeira ideia de nossa intelligencia, a primeira palavra de nossos labios, o primeiro affecto de nosso coração, o primeiro sentimento de nossa alma, a primeira letra de nossa bandeira.

Amamos a Patria, depois da Divindade e acima da familia, porque a patria não é outra cousa senão o conjunto de todos os sentimentos nobres, acções generosas, feitos heroicos que engrandecem e nobilitam o homem; porque a patria é o lugar onde nascemos, aonde brincamos quando innocentes, é a nossa casa, a nossa familia, somos nós e tudo que não fór Deus e a humanidade inteira.

Suspiramos pelo Rei, porque é elle o anel d'essa cadeia mysteriosa de tradições que prende um passado cheio de grandezas a um futuro rico de esperanças; porque o Rei é a mais fiel garantia da ordem e tranquillidade social, a mais segura alavanca da prosperidade d'um povo; o laço mais íntimo e forte da nacionalidade e independencia d'uma nação; o elemento mais poderoso e vital da grandeza material e moral d'um paiz; porque o Rei é a personificação do direito, da justiça, a traducção mais exacta das ideias e sentimentos dos subditos, o remedio mais prompto e efficaz ás necessidades d'uma nação.

Queremos a liberdade, porque foi este sempre o grito de nossos paes — *nós liberi sumus*, mas a liberdade que fizera pedaços as algemas lançadas pelo estrangeiro, que partira os ferros impostos pela tyrannia dos nossos, a liberdade que nossos avós conquistaram com a espada por batalhas de Sarracenos, consagraram com a lei nas côrtes de Lamego e traduziram em costumes de sete seculos.

Queremos o progresso e a civilização em nossa Patria, mas um progresso e civilização d'harmonia com as bases do que fomos e com as necessidades do que é preciso que sejamos.

Queremos a reedificação politica do nosso paiz, porém essa obra deve ser nacional e para isso é mister que nem se desprenda do passado d'onde importa que venha, nem do presente aonde tem de viver, nem do futuro para onde deve caminhar.

Queremos a restauração da nossa independencia mas essa restauração deve ter por fundamento a legitimidade, por fim unico o aperfeiçoamento moral, a prosperidade material da nação.

E' nos beneficios do passado que tira-

mos argumento para a prosperidade do futuro; é nos codigos tradicionaes d'uma nação de sete seculos e outras tantas gerações que buscamos a base da grandeza por vir e não nos sonhos delirantes da revolução, que, após doiradas theorias e palavras sonoras, dá aos incautos e illudidos o pão negro do mendigo e os grilhões do escravo.

Todos sabem o que queremos: os principios ahi estão, não os negamos; os meios ninguem os ignora, jámais os esconderemos; os fins todos os sabem, nunca os sophismaremos.

«Se nos atacam os principios encontramos os leaes; e a cada estocada acudimos tão ligeiros que jámais poderá tocar-nos sequer em nenhuma peça da armadura».

Quando nossos adversarios gritam ás armas contra nós, não fazemos pé atrás de horrorizados, mas antes, firmes apparecemos no lugar aonde a luta fór mais porfiada, o combate mais renhido; generosos não contamos o numero dos inimigos, nem mediremos forças com outras armas senão com aquellas com que elle nos acometer.

Por mais calumnias que inventem, por mais intrigas que forgem, por mais divisões que intentem, jámais conseguirão abrir dois campos no campo da legitimidade. Se alguém intende que são menos efficazes certos meios d'acção todos entendem que é um só o nosso codigo de principios, uma só a nossa crença religiosa e politica, um só o sagrado pendão de nossas glorias ao qual devemos todos estar abraçados, porque nos foi legado por nossos paes coberto de louros, carregado de palmas.

Quem ha ahi que faça renegar aquelles que leram e ouviram contar tantos annos de arrastar pesadas algemas, de soffrer longo captivo, de lutar com os apertos da fome, com as amarguras do exilio, com os horrores do punhal?

O sangue vertido pelo ferro fratricida, caiu em terra nossa, aonde o dever, a honra, a dignidade e o caracter, não são palavras sem significação, foi semente fecunda de novos martyres, que em vez de crear apostatas creára proselytos.

Nunca deixaremos a nossa causa, nunca desampararemos o nosso partido, nunca abandonaremos o nosso campo, nunca desertaremos de nossas fileiras, nunca negaremos de nossos dogmas, nunca desmentiremos nossas promessas. E nunca, porque em torno da bandeira de nossos adversarios não se vêem senão milhares de cadaveres aonde não ha pôr a planta do pé sem que se esmague a caveira d'um pae, d'um filho, ou d'um irmão!

Não julguéis que dezejamos reviver o passado com as côres e irregularidades do seu tempo, não; o passado, para nós, não existe senão nas paginas da historia; o presente, esse está em nossa mente juvenil para nos lembrarmos que todos, apesar de tudo, somos irmãos; o futuro, esse apontamos para elle porque só elle nos sorri qual estrella de bonança, só elle se distende diante de nossos olhos qual horizonte de grandeza e prosperidade.

Podéis atirar-nos ás faces baldões d'uma affronta immerecida, atar-nos innocentes ao pelourinho d'um ridiculo infame, gravar-nos na frente o ferrete d'um absolutismo que nunca conhecemos, o estigma d'um obscurantismo que não é nosso, a nodosa vergonhosa d'um retrocesso que jámais defendemos, que nós vos mostraremos a vossa historia escripta com sangue, o vosso codigo collaborado com doutrinas heterodoxas, para não contar nos nossos pulsos os vergões das cadeias e no rosto as marcas das bofetadas.

Já passaram dois annos, e o rodar do carro revolucionario não nos fez cair de susto a penna da mão, nem tão pouco o bafo da perseguição pôde affrouxar, quanto mais extinguir, a luz de fagueira esperança.

Promptos sempre a mergulhar de chofre nas ondas revolucionarias não tememos o punhal do sicario, suspenso sobre nossa cabeça; temos em pouco as amarguras do exilio e os duros tratos da perseguição; rimo-nos quando nos fallam de nudez e fome como se o caminho da glorificação e do triunfo fosse outro que não o caminho das humilhações e dos sacrificios!

Com a resignação evangelica, com a prudencia e constancia da nossa causa nunca perderemos a fé, nem deixaremos diminuir a esperança, mas antes atearmos em nosso peito o fogo da caridade.

A calumnia triunfa enquanto não chega a verdade; a força leva vantagem ao direito enquanto este não pôde restabelecer-se, e os males presentes são a arma mais forte que hade quebrar as armas do sentimentalismo com que se combate um fingido absolutismo, uma mentirosa escravidão, um falso obscurantismo.

Com a mão sobre o peito cheio d'esperanças, com os olhos fitos no ceo, cheios de fé, admiramos o passado, choramos o presente e saudamos o futuro.

Seja o futuro a nossa divisa como o passado nosso, exemplo o presente a nossa lição.

Seja o futuro a realidade de nossas esperanças como o passado é o penhor de nossas promessas, e o presente o motivo de tantos desenganos.

Seja o futuro a nossa bandeira, como o passado foi o nosso pendão e o presente o nosso sudario.

Seja o futuro a nossa recompensa, como o passado foi a nossa garantia, e o presente a ingratidão para nós.

O passado já não pôde voltar, porque nem os tempos, nem as cousas nem as homens resuscitam, e nós não podemos recuar tres seculos atrás; o presente evasê-se nas mãos dos agiotes e exploradores; em antagonismos estereis, em combinações inuteis; só nos resta o futuro, porque é certo que a verdade hade triunfar — *veritas liberavit nós.*

Nós, jovens, que no verdor dos annos, no abril da vida, na primavera da mocidade não temos prescindido das lições do passado e do presente, não voamos soffregos e desmedidos, dos interesses mesquinhos, dos prazeres aviltantes, não; porque a vida foge-nos como o ar que respiramos, e fica-nos a eternidade que no tempo se traduz pela verdade, pelo direito, pela justiça.

Nunca desataremos os braços do escudo portuguez; nunca deixaremos cair de nossas mãos o estandarte das quinas; jámais consentiremos que passe a mãos estranhas a bandeira sempre gloriosa da nossa nacionalidade.

A mortalha que no campo da luta nos ha-de dobrar em suas pregas é o sagrado pendão d'Ourique; o nosso tumulo o sepulchro abençoado de nossos paes; a inscripção de nossa campa as palavras pelas quaes se gotejára todo o sangue das veias, se quebraram todos os fios da vida, se perderam todas as condições da existencia — *morreu pelo seu Deus, pela sua Patria, pelo seu Rei.*

o Protector de Pio IX, o Padroeiro da Igreja Catholica, o nosso Advogado, o Patrono do nosso jornal.

Salus nostra in manu tua est
Em tuas mãos está a salvação nossa.

GENESIS.

O sagrado artista de Nazareth, coroado pelos espinhos do trabalho; o justo figurado, pelas paginas do livro inspirado, no primogenito de Jacob; o desceite da familia de cem reis, S. José, é o homem escolhido pela Providencia para ser, no passado, o fiel depositario das mais preciosas joias do Christianismo — a virgindade immaculada de Maria e a humanidade inseparavel de Jesus — no presente a salva guarda das gerações que tombam no abysmo insolvel da impiedade, e o padroeiro da Igreja universal, no futuro a esperança segura, a recompensa fiel, dos que lhe invocarem o nome e protecção.

Com razão o Pontifice da immaculada, descerrou o veo mysterioso dos desgnios do Senhor no meio do mundo, e mostrou á sociedade corrompida e desviada um modelo de virtudes, em penhor de protecção.

Inspirador de todas as virtudes christãs, porque de todas fóra lição perfectissima e completo modelo, S. José, não podia deixar de ser apontado pelo santo varão do Vaticano, pelo oraculo infallivel da verdade, como exemplo d'amor sancto, de trabalho justo, de recompensa digna.

A impiedade segue o nosso orgulho, a immoralidade a nossa ambição, o indifferntismo os nossos desmedidos interesses e desregrados prazeres. A fé envergonha-se de nossa tibieza, a esperança morre em nosso peito, evado de corrupção, a caridade foge de nosso coração repleto de egoismo. O amor é substituido pelo desejo, o tra-

balho pela ociosidade, a honra pelas conveniencias, a castidade pela impureza, a razão pelo instincto e paixões. Aonde iremos parar n'este resvalar por um plano tão inclinado, aonde não ha a encontrar senão posições falsas, precipícios medonhos?

A sociedade operária rejeita o trabalho, como fardo penoso, como desequilibrio de forças; pois bem ahi tem um homem collocado á sua frente, cingindo a coroa do trabalho, tecida de fadigas, ao mesmo tempo que em suas veias lhe gira o sangue dos Patriarchas, dos Prophetas e dos Guerreiros e em torno de seu berço se veem penduradas as coroas e sceptros de cem reis.

A sociedade libertina não quer outro amor senão o que se compra e vende á custa de lagrimas e sangue e que se troca, sómente, pela degradação da mulher e pela devassidão do homem, pois bem, um homem é collocado á sua frente, cingindo a coroa da castidade e mostrando-nos que quanto mais nos afastarmos da pureza primitiva e da singeleza patriarcal mais degradaremos a nossa condição e especie e mereceremos pelas nossas imperfeições afastar-nos do typo ideal da perfeição — Deus.

Este homem, justo pelos caminhos rectos da virtude que trilhára, exemplo do trabalho pelos caminhos assolhados de brolhos e espinhos que pisára, modelo de pureza pela castidade de que fóra guarda e adorno, é S. José.

Tão sublimes são as suas virtudes, tão salutares os seus exemplos, tão valiosa a sua protecção que a Divindade já de longe se trancara o seu templo, para o figurar nos mais bellos e poderosos emblemas, todo o esmero do estylo oriental.

E nós, jovens catholicos, para quem as palavras do venerando chefe da Christandade são tudo; nós, jovens legitimistas, para quem a esperança é o futuro como a realidade é o presente e como a saudade pertence ao passado, não podemos desprender de nossos labios pretexto mais energico contra a impiedade do seculo, do que collocando o nosso jornal, humilde ateteia do throno e do altar, debaixo da protecção de S. José, como o fizemos desde o primeiro numero de sua publicação; não podemos mandar ao ceo voto mais ardente, palavras que mais traduzam os nossos desejos de que o triumpho verdadeiro da Igreja, a salvação da sociedade nestas palavras que os egypcios dirigiram a José, Senhor da casa do rei Pharaó — *salus nostra in manu tua est* — a salvação nossa está em tuas mãos.

Salvae-nos, ó patriarcha S. José, dando-nos a fé de nossos maiores, para quem a virtude era o caminho unico para o gozo infinito, a vida eterna o unico desejo ardentissimo de seu coração e alma, e a morte a mais subida recompensa, o degrau da eternidade para chegar ás delicias do ceo.

Dae-nos a fé que armara o braço de nossos paes, quando tocava a rebate nos arraiaes da cruz, quando cimitarra agarena zombava do estandarte das quinas, quando o pendão glório da humanidade redemida era ameaçado de passar a mãos profanas e sacrilegas, quando a nossa patria era esmagada pelo calcanhar estrangeiro.

Salvae-nos, ó Patriarcha, S. José, dando-nos a esperança, essa flor mimosa nascida nos jardins da Igreja aos pés da fé, essa virtude, como as outras virtudes sobrenaturaes, filha do ceo, para que não deslustremos o passado nem desesperemos do futuro; mas antes, lançando-nos em seus braços, esperemos que bata a hora dos triumphos, a hora das recompensas.

Dae-nos a esperança que tiveram nossos avós quando pelejavam com o inimigo em desigualdade de numero e forças; quando supportaram por sessenta annos o omni-noso jugo de Castella, que não era outro senão o arrastar de grossas e pesadas gualmeiras d'uma escravidão sem igual.

Salvae-nos ó Patriarcha, S. José, dando-nos a caridade, essa virtude que, unica, não morre ás portas do tumulo como a fé e a esperança, mas entra na eternidade, porque é a vizio beatifica de Deus, para que cessem as divisas entre aquelles a quem não dividiram a natureza nem a graça divide, mas antes sejamos todos um na concórdia d'irmãos.

Dae-nos a caridade, sem a qual não

podemos ser o que devemos ser, isto é, todo para todos sem quebra de principios, sem alteração de dogmas, sem menoscabo de leis. Somos vossos servos, dae-nos abundancia de paz e de justiça. Protegei aquelle que na vossa coroa de gloria collocou mais uma joia de subido preço, amparae, soccorrei e defendei o immortal Pio IX; supplicae o triumpho para a esposa sem macula de Jesus, a Igreja catholica; advogae a causa nossa que não é outra, como sabeis, senão a do direito, dae-nos força para que sempre combatamos em pró da religião e da patria, de Deus e dos homens, da fé e da razão, da Igreja e da sociedade, porque em vosso poder quasi omnipotente confiamos.

A revolução.

Veritas liberavit nos

A verdade nos hade salvar.

S. PAULO.

Caminha altiva, por entre ruínas, sangue e morte, a Revolução, deixando após si milhares de victimas, cujas agonias e gemidos não são recebidas senão com gargalhadas infernaes.

Coroada com os louros da impiedade, erguendo-se n'um pedestal d'orgias, continúa sua obra de destruição, ameaçando deitar-se sobre o globo e estender os braços e tocar com uma das mãos no reino mais occidental da Europa, e com outra no paiz menos civilizado. Principios, leis e instituições que tem em seu abono a homenagem de tantos seculos, o preito de tantas gerações, destroe hoje n'um anno o que, outr'ora, o orgulho mais pertinaz, o espirito mais desnorteado, a soberbia mais altiva não podia fazer senão n'um seculo.

Em todos os tempos houve erros, crimes, desordens, revoluções, é verdade; mas o que nunca houve foi a approvação d'esses erros, o reconhecimento d'esses crimes, a admissão d'essas desordens, a legalisação d'essas revoluções como hoje se está fazendo no seio das nações catholicas.

Só a revolução, entrando por todas as camadas sociaes, podia mostrar o crime sem remorso, o roubo sem restituição, o escandalo sem reparação.

Só a revolução podia riscar do mappa mundi as nações que contavam seus dias por seculos; só ella podia fazer com que um aventureiro, brandindo a espada, marchasse com a ponta os confins d'um reino.

Só a revolução podia fazer do vicio uma virtude, da paixão um idolo, da ambição uma gloria, do egoismo uma lei, da authoridade um phantasma, da lei uma palavra sem significação, do direito uma causa já velha e gasta.

Só a revolução podia justificar a usurpação, santificar a iniquidade depois de haver proclamado a theoria dos factos consummados Revolta contra Deus, revolta contra a Igreja Catholica, revolta contra todos os principios da ordem social, revolta contra o direito e justiça, eis o programma da Revolução.

A confusão do homem com o animal irracional, a destruição da sociedade pela confusão do individualismo, a aniquillação da humanidade pela confusão de todos os direitos e aniquillação de todos os deveres, eis as consequências da Revolução.

A desordem, a anarchia na esphera individual e collectiva, eis os beneficios da Revolução.

E no entanto a Revolução, é, hoje, a palavra magica que arrasta após si as multitudes avidas de melhor estado, e que leva, como por encanto satânico, os homens, seduzidos pelo brilho do ouro, a comer do pomo vedado que traz consigo a morte.

Infeliz da sociedade que se arroja aos braços dos Revolucionarios, porque estes, depois de lhe haverem vertido, em pelepas estereis, todo o sangue; depois de lhe haverem sacrificado toda a vida no altar da inutilidade; depois de lhe haverem cuspidos na face baldões e affrontas, e lançado aos pulsos as correntes da infamia, conduzem-na ao vasto cemiterio das sociedades que a precederam, amortalhada em ruínas e victimas humanas, e allumiada por fachos de petroleo.

Infeliz da sociedade se não desperta do somno de ferro no qual, ha tanto dorme,

e não acorda abraçada ao victorioso labor da Cruz, ao glorioso pendão da legitimidade.

Abaixo a Revolução em nome do raciocínio, em nome da religião, em nome da sociedade.

Abaixo a Revolução em nome de Deus, em nome da Patria, em nome do Rei.

Abaixo a Revolução em nome da familia, em nome do individuo.

Abaixo a Revolução em nome da ordem, em nome dos interesses.

Não juramos em nome da Revolução, nem pela Revolução, nem para a Revolução; porque somos catholicos e legitimistas.

Queremos a lei que se bazeia nos principios eternos e immutaveis do direito e da justiça, e não nos caprichos individuaes da vontade humana.

Queremos a ordem que se firma no equilibrio da obediencia á auctoridade com o livre exercicio dos direitos do homem e não no calculo do interesse.

A imprensa e a Igreja

Herdeiro da impiedade do seculo passado o seculo 19 não tem descaçado em afiar suas armas nas calumnias que lhe transmittiu uma geração de homens tres vezes malditos pela verdade que negaram, pelos erros que inventaram, pelos graves males que causaram á sociedade.

Querendo mostrar, sempre, a Igreja Catholica como sociedade completamente opposta a todas as instituições humanas, a todas as descobertas do progresso, a todos os melhoramentos da civilização, não se envergonham de dizer, apesar do desmentido solemne da historia, que o Catholicismo tem considerado a imprensa, não como um pharol esplendido de luz, mas sim como um foco abominavel de trevas.

Os que assim pensam, fallam e escrevem, mentem e caluniam, porque ahí está o testemunho imparcial da historia que mostra o quanto a Igreja Catholica applaude esta descoberta do espirito humano, embora condemne os seus excessos e abusos.

Não foi a Igreja quem mandou aos mosteiros tirar cópias dos auctores d'antiquidade profana, quando os barbaros invadiram a Europa e, com seu espirito vandalico, destruíam as mais ricas bibliothecas?

Qual foi a primeira produção da imprensa typographica? Na vespera da Assacão de 1477, o celebre P. Schoeffer, primeiro livro impresso com esta data, ou tres annos antes, 1454-1455, a imprensa reproduzia um breve de indulgencias do Papa Nicolao V, n'um folheto in 4.º

Não será verdade, pois, que a imprensa esteve, desde seu principio, ao serviço da Igreja, e, portanto, debaixo de sua protecção e auxilio?

Não foi a Igreja, que transportou a imprensa, ainda no berço, para a cidade eterna?

Conrad Swryneym e Arnold Pannartz, empregados na imprensa de Guttemberg e de Schoeffer, em Mayence, refugiaram-se, a 27 d'Outubro de 1462, em Italia, aonde tiveram a gloria de levar a arte typographica.

Foram recebidos no convento do Subiaco e imprimiram Donato, Laclancio, Santo Agostinho — De Civitate Dei. Em junho de 1647 foram estabelecer-se em Roma, na casa de Frei Maximis, aonde deram á luz Cicer. epist. ad famili, 1467; S. Hieron. epist., 1468; Divi Thomae... in Matheum, 1470; Biblia lat. 1471 etc.

Era assim que a Igreja se mostrava inimiga da imprensa; era assim que ella desprezava os homens de genio e de talento; era assim que ella respondia ás accusações que um punhado d'espiritos fortes lhe haviam de lançar em sua face immaculada e radiante de belleza e luz.

Ainda, hoje, não cessa de prodigalizar honras e elogios aos athletas do verdadeiro progresso e civilização.

A imprensa, quando bem dirigida, é uma arma poderosissima para o bem, assim como o caso contrario é uma arma perigosissima que, manejada com habilidade, produz resultados funestissimos.

A Igreja sempre applaudiu esta grande descoberta, porém sempre reprovou os abusos, porque ao homem não é dado fazer o mal como o bem.

Da successão dos Papas na Igreja.

(Continuação)

IV

Mas, tudo isso suscita a ideia do fim do mundo, como tambem o profetizou S. Malachias. Que o mundo deve ter fim, é esse um ponto de fé christã. Em que época e em que dia? Eis o que Jesus Christo não disse, limitando-se a indicar-nos, no Evangelho, os signaes precursores. Esses signaes, segundo S. Matheus, são: 1.º, a conclusão da predica evangelica no mundo inteiro, após o que virá o fim; 2.º, a abominação da desolação no lugar santo; 3.º, a multiplicidade de falsos pro-

phetas; 4.º, segundo S. Paulo, a grande e universal defeecção dos Estados, os quaes renegarão o Evangelho e o farão desaparecer de sua legislação: ne terremini... quasi instat dies Domini, qua nisi venerit discessio primum. Depois, virá, segundo o mesmo S. Paulo, o filho de perdicao, isto é, o Antichristo. E, enfim, segundo o Evangelho, os phenomenos inauditos e os desfallecimentos formidaveis do sol e da lua. Após o que, apparecerá o Filho de Deus sobre as nuvens, com seus anjos, para julgar os vivos e os mortos. Monsenhor Ségur, no ultimo capitulo da sua obra denominada A Revolução, opina que os tempos se avizinham, e vae n'isso de accordo com innumeros bispos e doutores da Igreja: a grande revolta, que ha tres seculos quebra todas as tradições e instituições christãs, annuncia o reinado do Antichristo; e um dos signaes, pelos quaes se deve crer que o mundo se aproxima d'esses tempos nefastos, é que pessoa alguma aere dita n'isso. S. Gregorio, o Grande na sua primeira homilia sobre os Evangelhos, demonstra que os signaes precursores já começaram no seu tempo; e S. Leão, tambem Papa, no seu oitavo sermão sobre o jejum do decimo mez, diz expressamente que não duvida de que o dia do juizo final esteja proximo.

V

Se essa profecia dos Papas, pensa o benedictino Bucelin, é uma revelação celeste, como lhe parece pelos caracteres da verdadeira profecia, e como resulta do seu constante cumprimento durante 590 annos em 89 Papas, é certo que, por isso mesmo que Deus revelou a serie e o numero dos Soberanos Pontifices até ao fim o mundo, deu implicitamente alguma luz sobre o tempo de sua duração. Os Papas são quasi todos de idade muito avançada no momento de sua eleição; e pois que, segundo o mesmo Bucelin, não restavam em 1721 mais de 23 Papas, é facil verificar o fim, dando-se dez annos a cada um Papa, termo medio: de 1721, contar-se-ha 230 annos. Esta conjectura harmonisa-se com a opinião de graves auctores que dizem que o mundo, desde a sua criação, deve durar seis mil annos, fazendo dos seis dias da duração do mundo dias de mil annos, cada um, e do setimo o repouso eterno ou o sabbado do céo. Ora, o mesmo Bucelin verificou, no seu Nucleus historicas, que o mundo durou 4,053 annos de Jesus Christo 5923: faltam 75 annos. A época deve, portanto, ser 1947. O benedictino Bucelin, sabio chronologista, vae até a provar que o dia final é o primeiro de Março d'aquelle anno, porque em egual dia foi creado o mundo, e esse mez era o primeiro entre os hebreus.

Outra prova, extraída dos versiculos 11, 17 e 18 do capitulo XIII do Apocalypse. Referimos-nos ao sello ou ao nome da besta, e ao numero de seu nome. E' o sabio Holzhauser, fallecido em 1658, quem nos dirá qual o numero da besta, na sua obra Interpretação do Apocalypse. «O livro do Apocalypse foi escripto por S. João na lingua grega. Esta lingua não possui palavra que exprima o numero 666; mas a palavra grega antemos, composta de duas, significa contrario, e contém, pelas letras de que é formada, o numero 666. Com effeito, em grego, a letra alpha vale 1, n 50, t 300, e s, m 40, o 70, e s 200; e todas essas cifras prefazem o total 666. Este numero 666 é um numero de mezes que fazem cinco annos e meio, e é o dos annos e meio, é o dos annos da besta, isto é, da sua duração. No meio do anno de 1855, no seculo XIX, nascerá, portanto, o Antichristo; e viverá mais 50 1/2 annos. E será nos tres ultimos annos de sua vida e mais seis mezes, que desenvolverá maior furor contra a christandade, e, de accordo com o seu falso profeta o anti-papa, exterminará a Igreja, dispersando o rebanho de Jesus Christo, e matando os fieis Assim, pois, no anno de 1911, os dias da besta estarão contados; sendo morto o filho de perdicao, no meado do 56.º anno de sua vida, só pela palavra de Jesus de Nazareth crucificado. Os judeus se converterão. O firmamento, logo depois, se dissolverá, quebrando-se com grande violencia; e Jesus virá julgar os vivos e os mortos. Mas, disse Deus, esse dia e essa hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos do céo; só meu pae os conhece».

Dirão porém, que Holzhauser não tem passado por profeta. A verdade é que a sua conjectura coincide com a profecia de S. Cesario, e que aquelle sabio, no seculo XVII em 1658, não podia prever, de modo ordinario, os actuaes acontecimentos sociaes. A associação denominada Internacional não denuncia em verdade a existencia do Antichristo? O mundo precipita-se para o seu fim: descobre-se todos os dias combustiveis, e organisam-se philosophias deploraveis.

E, aliás, o sabio Holzhauser não parece destituido do dom profetico. Em sua obra sobre o Apocalypse, analysando o versiculo segundo do capitulo decimo: et habebat (angelus) in manu sua libellum apertum

(e o anjo tinha na mão um pequeno livro aberto), interpreta assim:

«Este pequeno livro denota um concilio geral, que será o maior e o mais celebre de todos. O profeta diz que este anjo tem esse pequeno livro na mão, porque é por obra e pelo poder do grande monarcha (o mesmo que S. Cesario prenuncia) que o concilio continuará as suas reuniões, e, protegido, chegará á conclusão; e tambem porque o mesmo monarcha empregará todo o poder para fazer executar suas sentenças e decretos. O Deus do céo o abençoará, e porá todas as cousas em suas mãos e sob seu poder. Está dito que esse pequeno livro estará aberto, alludindo á pureza dos dogmas da fé que o concilio proclamará». E' a profecia da futura reunião do concilio do Vaticano, sob Pio IX; mas que, havendo sido interrompido, hade ser continuado e concluido quando reinarem o grande Papa e o grande monarcha francez, dos quaes fallou S. Cesario ha mais de mil annos! Holzhauser, ha dous seculos, quando não se suscitava a possibilidade e a utilidade de um concilio geral, porque a revolução mal apparecia em um ou outro cerebro, suscita a necessidade de uma tal assembleia, a fim de esmagar os erros sociaes!

VI

Negam alguns o caracter de catholicidade á essas profecias, porque é sempre a França o povo predestinado para os grandes successos.

A historia confirma, porém, á França os seus titulos. O bem e o mal operam-se n'aquelle paiz, e desenvolvem-se no mundo. E, demais, é crenga vetusta e geral que um rei de França possuirá o mundo nos ultimos tempos, pelo que será o maior e o ultimo dos reis; o qual, depois de bem governar os seus povos, irá a Jerusalem, e deparará coroa e sceptro sobre o monte das Oliveiras. E essa crenga tem sido partilhada por muitos santos, inclusivè Santo Agostinho; e S. Remy, arcebispo de Reims, o predisse na occasião em que baptisou e sagrou a Clovis.

A verdade, em summa, é que os tempos avizinham-se. A Dissessio, de S. Paulo, vae-se operando: os povos insubordinam-se, e rejeitam o principio de autoridade; falsos filosofos e detestaveis politicos proclamam a separação violenta e absoluta da Igreja e do Estado, isto é, o atheismo politico e social ou o anniquilamento do principio christão no governo e nas massas. Quem acompanha os acontecimentos, e parando-a com as profecias, pôde bem ler no futuro. A França tem de representar o seu grande papel, como salvadora da Igreja e protectora do Pontificado. Só vingam as obras de Deus; as dos homens são falliveis. Deus permite ás vezes o mal; a França, porém reerguer-se-ha. Mesmo depois de vencida, ha alguma cousa que a protege; e, n'este mundo, o dedo de Deus é tudo. Em suas lutas dynasticas ha muito que ponderar; e, á vista das profecias, medite o homem de fé.

São profecias! Embora. Já o Apostolo dizia nos primeiros tempos christãos, não as desprezeis: «Prophetias nolite spernere» (I. THESS. v. 20).

Proclamação do Senhor Infante D. Affonso.

Chefes, officiaes e soldados do exercito hispanhol

Com a alma despedaçada pela dor e com o rubor nas faces, vos dirijo hoje a palavra auctoso por chorar convosco a deshonra que caiu sobre todos os que vestimos o uniforme militar; aos meus ovidos chegou o ruido da escandalosa bachanal que a revolução, desejava da vossa deshonra, preparou e levou a cabo.

Vergonha sobre ella, esforçados militares hispanhoes, que não vacillou para chegar a seus fins em converter o exercito hispanhol em desenfreada soldadesca terror hoje dos cidadãos pacificos; vergonha sobre vós todos se por um instante mais o tolerasseis!

Chefes, officiaes e soldados, a quem a minha voz está a chamar queridos companheiros d'armas, o agravo a todos foi dirigido, commum se tem querido fazer o baldão; seja a reparação filha de todos.

Ante as vossas bandeiras manchadas, ante a vossa honra calcada, ante a completa humilhação do exercito já não pôde haver mais duvidas nem hesitações: que os tibios se resolvam, que os desencaminhados volvam ao dever.

A gloriosa bandeira de Hispanha que tremula nas mãos d'El-rei em Navarra e que o vosso general sustemta n'estes campos testemunhas da lealdade catalã a todos cobrirá para vos restituir os brazões que tanto vos elevaram no amor d'este povo e que a revolução ameaça.

Militares hispanhoes: O rei, o vosso general vos chamam; sómente militando sob os seus pendões podeis reconquistar a honra que, ah! muitos de vós choram hoje perdida.

Qual de vós d'eixará d'acudir aonde a honra militar vos chama?

Classes conservadoras

Cumprem-se as predições que homens de elevada intelligencia e criterio fizeram a respeito da nossa desolada peninsula.

Então uma cegueira que desculpo vos impelliu a ser causadores de tanta ruína!

Hoje retrocedeis espantados ante a realidade do conflicto!

Desvanecida completamente a fallaz esperanza que abrigavam vossos corações e patente finalmente o extremo a que a revolução vos leva; que fazeis?

Se, como artoamente se propalava, a communião catholico-monarchica, o governo d'El-rei meu Augusto Irmão fosse intolerante, intransigente, amante exclusivamente de velhas instituições, inimigo declarado do bom que a sociedade moderna encerra, ai de vós! Alvo das iras de um povo desenfreado, objecto do odio de uma soldadesca prevenida e castigada pela tyrannia que attribuiam a vossos salvadores. Triste espição! Mas não. O grande partido nacional que tem escriptas na sua bandeira as santas palavras de Deus, de Rei e de Patria tem mostrado por sua firmeza inquebrantavel, por seu comportamento nobre e leal que não são letra morta as lemmas com que se honra, e que o espirito da fé christã o vivifica e exalta.

Pondo de parte prevenções injustas meditae o que vos espera e decidi-vos.

Classes conservadoras: já sou a hora e com terror a ouvistes; para atalhar por uma vez o jamno, correspondei aos grandes sacrificios que os legitimistas tem feito para livrar-vos da total ruína e em breve renascerá a paz tão desejada poupando o sangue dos heroes da alta liberdade dos homens de bem; vendida e domada a revolução que nos devocia florescerá novamente a industria, a agricultura e o commercio, honrados como nos tempos felicissimos de Fernando VII.

A dignidade do homem e os direitos e deveres de cidadão, devidamente garantidos, cobertos com o véo que a concordata com a Santa Sé estendeu sobre os factos já passados segundo diz Sua Magestade na carta-manifesto de 1 d'agosto de 1869 dará á Hispanha a paz, a concordia, o socego domestico hoje perdido e a nossa nação occupará o alto logar que lhe coube entre os povos quando foi verdadeiramente christã e sabiamente livre.

Nestas horas de infortunio a todos abre hoje os braços.

O Intente General em chefe do Principado.

Affonso de Bourbon e Austria.

Quartel general, 28 de fevereiro de 1873.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

O general Cabrera marchou para Hespanha com o dinheiro do emprestimo.

Nos centros officiaes tem-se como fabulosa a noticia dada por um periodico de ter sido, em Granollers, apedrejado com laranjas o general Contreras pela columna do seu commando, e d'este modo obrigou a partir para Barcelona precipitadamente.

E' á «Esperanza» a quem o dito periodico se refere; apesar d'isso, a noticia, longe de ser desmentida é confirmada por toda a imprensa. Ha apenas troca de nome, pois que o facto effectivamente se deu em Esparraguera e não no logar citado.

E' falso o que alguns periodicos tem dito sobre estar ferido o general Nouvilas; a verdade é que o incommodo que fez cair em cama o general, foi uma inflammção interna da garganta a que a medicina dá o nome de — anginas.

O «Memorial Diplomatique» diz que os partidarios de D. Carlos em Inglaterra fazem os maiores esforços para promover em favor da sua causa os maiores recursos monetarios. Garantem ao mesmo periodico que a aristocracia ingleza tem secretamente subscrito com sommas bastante consideraveis.

Os periodicos francezes abriam tambem uma subscrição a favor dos hespanhoes perseguidos pela revolução, que se eleva já a uns vinte mil francos.

Diz «La Tribuna»:

«Grave, pela sua importancia, é o telegramma que esta tarde se recebeu.

O intitulado brigadeiro Rodriguez entrou em Palencia com quarenta homens bem montados, mas uma columna de guardas civis conseguiu dispersal-os.

Crémos que o numero era superior para se atterverem a penetrar em uma cidade tão importante. Se o governo não fór energico, n'um bello dia o carlismo invade as principaes povoações, como os prussianos em França».

Quem reflectir nas considerações que revestem o telegramma pôde trocar-lhe as pontas e acreditar que os 40 e tantos... na sua entrada em Palencia pozeram em fuga a columna de guardas civis que lá estava.

Diz «El Diario Espanol»:

Não sabemos se tem fundamento na

verdade, a noticia de se terem passado para os carlistas alguns officiaes de cavalleria. Será triste a confirmação de tal noticia; porém não é de esperar outro resultado da desorganização do nosso exercito.

Outro tanto se diz que muitos officiaes de corpos que se acham em frente do inimigo, e outros d'artilheria, tem ido engrossar as fileiras carlistas.

Sairam para o exercito do norte dois regimentos de cavalleria. (Em vista do exposto tudo é pouco.

De «La Correspondencia»:

Todas as columnas que operam em Navarra marcham sobre Vera para bater os carlistas, em virtude de um plano combinado do general Nouvilas.

No dia 14 havia noticias de que Dorregaray, com mais de 2 000 homens, esperava em Vera a entrada de D. Carlos.

Assegura-se que novas partidas se tem apresentado em Cordova e em Albacete.

Cartas recebidas de Pamplona asseguram que dois capitães e tres alferes de cavalleria tinham desaparecido da cidade, para se incorporarem nas fileiras carlistas.

Diz «La Lucha» de Girona, com visos de afirmativa, que em Mieras teve lugar uma grande reunião de importantes proprietarios da montanha para tratarem sobre questões carlistas, e que D. Affonso de Bourbon estava na dita povoação á frente de 3.000 carlistas com 4 peças de artilheria.

Diz o «Imparcial» que circulava o rumor de se terem passado para os carlistas alguns officiaes do exercito do norte em numero superior a dez.

Lê-se na «Esperanza»:

«Vimos uma carta de Barcelona na qual se diz que entrou n'aquella provincia, deixando a de Genova, O infante D. Affonso com quatro bizarros batalhões e dous vistosos esquadrões.

Outra carta, tambem de Barcellona de pessoa liberal e mui caracterizada, vimos tambem, em que se diz que a situação é completamente dos carlistas, e que as tropas se negam abatel-os, enquanto não forem declarados voluntarios da republica; e se não derem a cada soldado 8 reales

—N'outra carta se diz que os trens andam porque Galceran o permite.

—De uma povoação proxima da Corunha, escrevem tambem ao mesmo jornal que o levantamento das provincias de Lago e Orense é imponente: que na Corunha appareceram caras patibulares e estranhas que pozeram em sobresalto a gente que tem que perder, e que alli corria o boato de que para livrar a cidade d'um conflicto se haviam trasladado a outra parte cerca de 2:000 espingardas que alli havia.

O correspondente accrescenta que se vae notando grande reacção em favor de D. Carlos por todas as povoações da costa.

—O «Gobierno» periodico anti-carlista, confirma ha dias a sublevação dos carabineiros de Cadiz: eis o que diz a tal respeito:

«O governo recebeu hontem um telegramma do governador de Cadiz, noticiando-lhe que os carabineiros d'aquelle commando se haviam sublevado no campo de Gibraltar em senti-lo carlista.

Pelo poder executivo se communicaram ordens energicas ás auctoridades d'aquella provincia, para que, por todos os meios que estiverem ao seu alcance, submettam os rebeldes á obediencia».

Segundo o mesmo jornal os sublevados são 300 homens de infantaria e 60 cavallos.

—Na acção de Monreal tiveram os republicanos feridos 117 soldados e 11 officiaes, contando entre os mortos 1 coronel, e outro chefe d'E. M. Diz-se que os carlistas se apoderaram de muita parte do material, e d'alguns effeitos de guerra de grande importancia.

—Da Politica: «Com referencia a pessoas vindas de Navarra, diz-se que dia 9 havia no Carrascal [proximo de Pamplona] mais de 3:500 carlistas.

—Do Tempo: «O cabecilha Sabariego acaba de chegar a Galisa, e por isso se levantaram varias partidas na provincia de Orense, e quaes se internaram na parte montanhosa para se organisarem.

—Da Correspondencia: «A partida carlista que n'estes dias se dirigiu a Portugal pela parte da Galisa, retrocedeu e achava-se no dia 10 entre Riocaldo e Portela de Home.

—Do Diario de Barcelona de 7 de Março: «No dia anterior estavam em Prats, Saballs, D. Affonso e sua Senhora D. Maria das Neves. Accrescenta que um joven de Vich tinha um cavallo cor de perola, de mui boa estampa, mui docil e amestrado, a quem muito estimava. Chegou um cavalheiro, e procurou pelo cavallo para o comprar. Sairam fora da povoação para o experimentar, e já acavallo pediu aquelle cavalheiro o preço, e se lhe disse 200 pesos duros, o qual sem responder palavra os tirou do bolso e os entregou ao vendedor, e mais 25 pelos arreios; e dizendo que contasse em Vich que era para a princeza D. Maria das Neves, mettu esporas e desapareceu.

—Com referencia a carta de Almeria recebida por um deputado, se dizia hoje que as forças carlistas das provincias de

Granada e Almeria, reunidas em Frigola em força de 3:000 homens...

—Escrevem do valle d'Orba (Navarra) á «Esperanza»: «Deste valle está saindo bastante gente para o exercito carlista...»

Madrid 14 de Março.—Do Boletim do dia da «Esperanza»: «Diz o «Imparcial» que Novillas está doente em Pamplona...»

—Do «Lucha» de Gerona: «Dizem-nos que ha dias provaram os carlistas 4 peças de artilheria que receberam de França...»

—Escrevem de Pamplona em 12: «Saiu Novillas d'aqui com 3:000 homens: deixou parte da força mui perto d'esta...»

Dorregaray estava a 2 leguas do lugar da acção, porém Radica, que com 4 companhias se achava em Monreal...»

As perdas republicanas conhecidas até agora, sobem, segundo parte official, a 67 mortos e feridos, porém as minhas noticias dão-lhes, pelo menos, 80...»

Hontem insubordinaram-se os soldados que vieram ante-hontem com Novillas; porque tocando-se á chamada começaram a gritar quenão queriam sair...»

—Accrescenta a «Politica», que no momento de mais apuro para os republicanos, na acção de Monrial, uma carga de cavallaria, dada pelo coronel Sanchez Mira fez retroceder os carlistas...»

SECCÃO NOTICIOSA

O milagre e a critica moderna. — A respeito d'este excellentissimo livro escripto pelo nosso especial amigo o Ill.º e Rev.º Sr. José Joaquim S. Freitas diz a «Palavra» o seguinte:

—Temos ante os olhos um opusculo de 64 paginas que traz por titulo «O milagre e a critica moderna ou a Immaculada Conceição de Lourdes, e vem firmado pelo Rev.º sr. Padre José Joaquim de S. Freitas.

Dizendo duas palavras do livro cumprimos um dever: o que nos impõe o programma d'este jornal e o que nos recommenda a delicadeza e a gratidão. O primeiro, porque se tracta de uma obra de propaganda catholica, segundo porque o livro é offerecido á Associação catholica portuense.

Supponmos com boas razões que poucas pessoas ignorarão hoje o que seja o milagre de Lourdes. A peregrinação á milagrosa gruta das margens do Gave, que em fins do anno passado, inflammou o coração dos catholicos francezes, tornou universal-

mente conhecida a invocação, tão popular e venerada na patria de S. Luiz, de Nossa Senhora de Lourdes.

O que porém todos desconhecem, principalmente em Portugal, são as circumstancias que acompanharam a milagrosa apparição da Virgem a uma innocentina e rustica pastora Bernadette Soubirons, hoje Sotor Maria Bernarda.

A obra que sobre este assumpto escreveu Henrique Casserre, um dos indifferentes, que, em face de um milagre n'elle proprio operado, sentiu atear-se-lhe o fogo da devoção, não é muito lida em Portugal, posto que em França conta já 49 edições, e por isso entendeu o sr. Padre Freitas que grande serviço prestaria ao culto da Mãe de Deus, pondo ao alcance dos devotos a narração «d'esse idyllio tão pathetico, quão singelo e religioso», como lhe elle chama em uma prefação. Além d'isso não se limita o auctor a narrar os factos; mas, como se depreheende do titulo da obra, applica-lhes a analyse, e prova com auctoridades que o caso em questão não pertence ao numero d'isso o que se chama credices, mas é um verdadeiro milagre

Uma circumstancia que não podemos deixar de mencionar: a linguagem em que o opusculo está escripto mostra exuberantemente que não é estranho ao auctor o terreno que pisa, antes anda muito traqueado n'estas sendas tão profanadas, bem que espinhosas, da litteratura.

Acompanha o livro uma photographia representando a gruta em que se venera a milagrosa imagem da Virgem de Lourdes. Em nome da Associação catholica, agradece-mos a offerta, e com particular empenho recommendamos a obra.

Lausperenne. — No dia 18, 19 e 20 estará o Lausperenne na igreja de S. Lazaro.

Este anno todas as igrejas tem estado adornadas com o esplendor devido á magestade do culto catholico.

Todas se teem esmerado, como á portia, em apparecer decoradas com vistosos ramos, grande numero de lumes, lindos cortinados e boa muzica.

Louvor. — Louvamos, e folgamos com a resolução que S. Ex.ª R.ªª o Sr. Arcebispo tomou de conferir ordens, pelo modo e na occasião indicada n'outro lugar da secção noticiosa d'hoje, pois é grande a falta do clero; e nos tempos que vamos atravessando são, absolutamente, indispensaveis os soccorros da religião.

Oxalá que S. Ex.ª R.ªª possa dar em todas as temporas ordenações.

Asylo de S. José. — Abre-se no dia 19, á visita do publico, o asylo de entretavados, situado na rua das Águas.

E' um estabelecimento pio que, pelos seus fins, merece os desvelos da caridade christã.

Estará lindamente adornado, como nos demais annos, graças aos cuidados da illusterrissima Commissão administradora d'aquelle estabelecimento de caridade.

Padroado Ultramarino. — Na camara dos pares fallaram a respeito da questão colonial os exm.ºs snrs. conde de Cavalleiros, que apresentou uma representação assignada por muitos cidadãos indoportuguezes, bispo de Bragança, bispo de Lamego.

O primeiro lamentou o desprezo que o governo vota á immediata organização da Missão do Padroado ultramarino e já lhe não resta a menor esperanza de chegarmos a um resultado.

O nosso collega a «Nação» diz a respeito deste snr o seguinte:

«O sr. Conde bem parece, que descre completamente da gente, com que se meteu e estamos certos, de que muitas vezes lhe terá penetrado a alma o sentimento de ter deixado um partido honrado por suas miserias, que tão vigorosamente flagella. S. Ex.ª illudiu-se; cuidou ser util á Patria e esta só perdeu com o seu proceder.»

O sr. bispo de Bragança disse que: «Se não queremos colonias é continuar este estado de abandono e deixemos ao tempo o encargo de provar que não queremos colonias.»

O sr. bispo de Lamego disse: «que as colonias carecem absolutamente de ensino religioso e mostrou vontade de fazer alguma cousa pelo bem religioso das colonias.»

Escusado é esperar nada de semelhantes governos; não vemos mata d'onde saia coelho.

Uma boa nomeação. — A ex.ªª camara d'esta cidade nomeou para professor de instrução primaria e secundaria, em S. Paio de Merelim, o ill.º sr. João Marques Soares d'Azevedo.

Foi acertadissima a escolha, pois o digno professor tem, além das habilitações necessarias para desempenhar as funções do magisterio, a probidade, o exemplo e o talento para instruir e edificar a mocidade, confiada aos seus cuidados.

Damos os parabens a s. s.ª

Theatro de S. Geraldo. — Foi ante-

hontem á scena o POLIUTO com que a companhia lyrica-italiana fez o seu debut, que desempenhou muito bem e agradeou aos amadores da musica.

Volta hoje á scena a mesma opera como 2.ª recita d'assignatura. Os emprezarios fizeram redução nos preços das galerias, sendo estes de frente 200 réis e geral 160 réis.

Diccionario Universal d'Educação. — Publicou-se a 10.ª caderneta deste excellentissimo diccionario que tem em seu abono a approvação de muito bons escriptores ecclesiasticos e de toda a imprensa religiosa. E' uma obra barata, ao alcance de todos, já pelo seu modico preço, já pela redacção de seus artigos.

Não nos cauremos de recommendar a utilidade deste livro, sobretudo hoje, que ha grande falta de livros elementares para educação e instrução da mocidade.

Nova luminaria republicana. — Appareceu no Porto um jornal intitulado a «Republica»; o seu programma diz a «Palavra» que é de natureza tal que deixa a sociedade pacata e sem abalo e que a republica da «Republica» é platonica, amavel de luvra branca.

Parece-nos que «Palavra» se engana com o tal santo republicano, e senão que repare n'aquellas palavras reservadas: apenas garantimos á esphera superior da consciencia religiosa a inviolabilidade exterior que lhe compete. . . . não queremos com a Igreja contratos bilateraes!!!

Graças aos nossos governos a industria agricola acaba. — E' notavel a falta de braços para a lavoura e maior ainda o augmento de tributos lançados pelo governo; de maneira que a industria agricola tem, notavelmente, diminuido, a ponto, de, d'aqui a pouco, não termos pão.

O «Diario Popular» diz que os salarios dos trabalhadores agricolas tem crescido consideravelmente. Nos concelhos do districto de Lisboa, ao norte do Tejo, tem sido difficil obter gente para a poda e empa, a menos de 320 e 360. Para a cava das vinhas já se cuida que os salarios não serão menores de 360 a 400 réis. Com o vinho a 2 1/2 e 3 libras a pipa é mau negocio para o lavrador.

No mez de Janeiro passaram-se aqui em Braga 1:300 passaportes para o Brazil! E' de lamentar que grande numero de familias sacrificem seus filhos á immoralidade e impiedade, só pela ambição do dinheiro.

E' preciso que o clero aconselhe aos paes de familias que prefiram a saude e a vida espirital de seus filhos a um mesquinho interesse como são as cousas d'este mundo.

Que necessidade ha de mandar crianças para o Brazil se nós temos artes que, pela sua variedade, offerecem campo a todos as inclinações e necessidades?

Bem sabemos que os governos não só tem descurado este negocio, mas o tem, summamente, aggravado com seus pezadissimos impostos, porém, também sabemos que os salarios augmentam e não estão muito em desharmonia com as primeiras condições de viver.

Que mecanismo simplicissimo será este? — Emilio Castellar disse, no preambulo do decreto no qual suprimia as ordens militares, «que o mecanismo do Estado era simplicissimo na Constituição moderna».

Com effeito; é tão simples que os povos para defenderem seus bens e pessoas precisam de armar-se até aos dentes! Não está má esta simplicidade!...

«Não será um mecanismo simplicissimo a aniquilação do exercito, a destruição de todos os direitos e prerogativas, a liquidação social?»

«Não será um mecanismo simplicissimo a egualdade ou nivelação do superior com o inferior?»

Parece-nos que o sr. Castellar quiz imitar esses politicos de meia duzia d'annos que, apenas saídos dos bancos da universidade, se apresentam com a louca pretensão de reformar a humanidade, mudar completamente a face da Sociedade, modificando suas formas, e destruindo seus principios.

Talvez elle nos quizesse mostrar, quando fallava no tal mecanismo simplicissimo, o pensamento arrojado dos republicanos exaltados....

Suprima-se tudo o que é antigo, só pelo facto de o ser, para se ir de harmonia com o tal mecanismo simplicissimo; e assim acaba-se não só com as ordens militares, mas também com as ordens religiosas, como se já fez, e com a mesma religião, pois são cousas antigas. O tal mecanismo simplicissimo não é outra cousa mais que a grande mola do carro revolucionario.

Uma confissão insuspeita. — O «Primeiro de Janeiro» de 7 do corrente falla do seguinte modo, n'um pequeno artigo que tem por epigraphe Carlismo: «O partido carlista está fazendo uma

viva campanha moral, não só em França mas também em Inglaterra. Todas as noticias que exaggeram os progressos que o Carlismo faz em Hespanha, saem de um centro estabelecido em Paris, e que dispõe, não só de toda a imprensa legiti-

mista, senão que também da «Patria», do «Figaro», do «Jornal de Paris», e do «Gaulois», e outros jornaes muito lidos em França. Ao mesmo tempo, este centro envia de Bayona e Paris telegrammas ao «Times» de Londres, o qual nos seus ultimos numeros annunciava que Pamplona estava ameaçada pelos carlistas, que uma columna formada em Irun, para socorrer a capital de Navarra, se havia recusado a marchar, e que D. Carlos esperava que esta praça se pronunciasse em seu favor para recolher-se a ella.

Entretanto seu irmão D. Alfonso havia da Catalunha feito espalhar o boato de que offereceria postos e outras recompensas ao exercito que se pronunciasse por D. Carlos. Tudo isto produz grande effeito no estrangeiro.»

Os Agnus Dei. — Dá-se este nome a uns pequenos paes de cera, tendo impressa ordinariamente a figura de um cordeiro, os quaes os fieis guardam com veneração em pequenos relicarios. A sua origem vem de um antigo costume da igreja romana. No dia d'Ascensão, uzava-se n'outro tempo, em pequenos bocadinhos. Cada um queimava este bocadinho de cera em sua casa, nos campos ou nas vinhas, tendo-o como um preservativo contra os prestijos do demonio, e contra as trovoadas e tempestades. Isto se praticava nas igrejas fóra de Roma; porém na basilica pontifical, o arceidiago, em vez do cirio pascal, tomava outra cera, benzia-a lançando-lhe em cima algumas gotas dos sagrados oleos, e fazendo d'ella pequenas figuras de cordeiros, as distribuia pelo povo. Tal é a origem dos Agnus Dei, os quaes depois passaram a ser benzidos pelo Papa com mais cerimonia. Preparados d'antemão, na terça feira da semana Santa, o Papa revestido de seus habitos pontificaes, os benze na capella Sixtina; e se guardam até á missa do sabbado Santo, em que, logo depois do Agnus Dei, o subdiacono lhes apresenta, dizendo-lhe tres vezes: Eis aqui estes cordeirinhos, que vos vem annunciar a alleluia; elles vem á fonte cheios de caridade; alleluia. O Papa os recebe então, e os distribue pelos cardeaes, e demais prelados do sacro collegio: o diacono os vae no fim distribuir ao povo. Esta cerimonia só tem lugar da sete em sete annos.

A embriaguez. — Existe entre os rabinos uma tradição de que, quando Noé plantou a vinha, Satanaz se achou presente, e sacrificou ao mesmo tempo uma ovelha, um leão, um macaco e um porco. Estes animais deviam ser o symbolo da graduação da embriaguez. Quando um homem começa a beber, é tão meigo como o cordeiro; torna-se depois atrevido como leão; bem depressa a sua coragem se transforma na tolice do macaco; e por fim espoja-se no lameiro como o porco.

O imposto das sizas. — As sizas, na sua origem, não foram impostas pelos reis, mas sim pelos mesmos povos que entre si lançavam este tributo, quando occorria alguma necessidade urgente do municipio, e durava só em quanto durava a necessidade. O primeiro lançamento das sizas, de que achamos menção, foi em tempo d'el-rei D. Afonso IV, na villa de Setubal, e foi acordado entre os povos para se levantarem os muros da villa. Foram duas sizas, uma a que chamaram grande era sobre os vinhos, e rendia mil e trezentas dobras, e a outra siza miuda que rendia trezentas dobras. Tudo se gastava na obra dos muros, e durou o imposto até que elles foram acabados.

Depois em tempo d'el-rei D. Fernando, vendo-se o reino opprimido de guerras, se lançaram as sizas aos povos, sendo a primeira á cidade de Lisboa, também para a construcção dos muros, e no tempo d'aquelle rei se fizeram, e principiavam na Ribeira, onde agora está o arsenal da marinha, subiam pelo Ferregial até cima dos Martyres, onde estava a porta de Santa Catharina, de que ainda a rua conserva o nome, continuavam até perto de S. Roque; desciam d'alli ao valle, entre o Rocio e Passeio, onde havia a porta de Santo Antão, e pelo monte d'este mesmo nome, em frente de S. Domingos, subiam quasi até ao alto da calçada de Santa Anna, onde ainda restam d'elles alguns vestigios; desciam outra vez até á Mouraria, e por perto da rua dos Cavalleiros iam pegar no arco de Santo André: continuavam pelas Portas do Sol, da Cruz, e do Mar até fechar outra vez na praia, deixando de dentro quasi todo o bairro d'Alfama, que d'antes estava fóra das antigas muralhas.

Acabadas estas obras se levantaram outra vez as sizas; mas pouco depois se tornaram a lançar por tres ou quatro annos, findos os quaes se tornaram a renovar, sempre applicadas para as necessida-

des dos povos; e desde então quasi ficaram effectivas. No tempo d'el-rei D. João I, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira propoz em conselho que se pedisse aos povos as terças d'estas sizas para as despesas do estado; e é de crer, que desde então as ficassem sempre pagando.

Reunião. — O nosso collega o «Commercio do Minho» noticia uma reunião no palacio de Monsenhor Mattera. Transcrevemos o que elle diz:

Monsenhor Mattera, encarregado de negocios da Santa Sé, reuniu no dia 9, á noite no palacio da sua residencia ao Quilhas o corpo ecclesiastico de Lisboa. Compareceram o ex.º Patriarcha, e os ex.ºs Arcebispo de Góa, Bispo do Porto, de Bragança, de Lamego, e Resignatario de Aveiro. Estiveram muitos conegos e dignidades da Sé Patriarchal e cerca de oitenta ecclesiasticos da capital. Retiraram os convidados ás 11 horas da noite.

«Contam cartas de Roma que era ali geralmente sabido que uma alta persoaagem, dirigindo-se a monsenhor Oreglia «di Santo Stefano, lhe dissera: O sr. «continuará a ser Nuncio em Lisboa, porque não quero vir a um rompimento com «Portugal; mas escreva para lá que lhe «disse o Papa não ter nenhuma tenção de «mandar para Lisboa na qualidade de Nuncio, nem o senhor, nem outra pessoa. «Escreva, escreva isto em meu nome, «recomende que se repita isto mesmo. «Deixar-se-ha monsenhor Matera em «quanto lá se poder deixar.»

«Esta noticia, de mui grande transcendencia, não escapara de certo aos olhos das pessoas, que sabem o que se passa em Lisboa. «Nada mais dizemos: a bon entendeur... salut.

Modo de fixar a data da Paschoa e das festas moveis. — Segundo as decisões da Igreja Catholica, a festa da Paschoa deve celebrar-se no 1.º domingo depois da lua cheia, que se seguir ao dia 20 de março.

Desta regra resulta que o dia de Paschoa não póde cair mais cedo que a 22 de março; o que só tem lugar, quando a lua cheia é a 21 do dito mez e o dia seguinte e um domingo, por que esse então é o de Paschoa.

Os annos de 1761, e 1818 são os unicos em que isto teve lugar nos seculos 18.º e 19.º Então o carnaval é de muitos poucos dias.

Tambem a Paschoa não póde cair mais tarde que a 25 d'abril, o que sómente acontece, quando a lua cheia é a 20 de março; por que então, para seguir a determinação da igreja, deve-se descer á lua cheia seguinte, que será a 18 d'abril; e se este dia fór domingo, ter-se-ha ainda de demorar mais 7 dias até ao domingo seguinte, que virá a ser 25 d'abril. Os annos de 1834, e 1786 offerecerão esta particularidade.

Conhecido o dia de Paschoa em um anno, facilmente se conhecem todas as festas moveis, por que ellas são todas reguladas por aquelle dia, e mudam com ella, pela maneira seguinte.

A Septuagesima é o 9.º domingo, ou 63 dias antes da Paschoa.

A Sexagesima é o 8.º domingo, ou 56 dias antes da Paschoa.

A Quinquagesima, ou domingo gordo, é o 7.º domingo, ou 49 dias antes da Paschoa.

O dia de Entrudo é a terça feira seguinte a este domingo, ou 47 dias antes da Paschoa.

O dia de Cinzas, é a quarta feira seguinte, 46 dias antes da Paschoa.

O domingo da Paixão é o 2.º de Ramos o 1.º antes da Paschoa.

A Ascensão é a quinta feira, 40 dias depois da Paschoa.

A Pentecostes, ou domingo do Espirito Santo, é 10 dias depois da Ascensão, e 50 depois da Paschoa.

O dia da SS. Trindade, é o domingo depois do do Espirito Santo.

A festa do Corpo de Deus é na quinta feira depois do domingo da Trindade. Este dia cahe dois mezes certos depois de sabbado Santo, e exactamente na mesma data.

Nomeação.—Acaba de ser nomeado, por exoneração que sollicitou o sr. José Antonio Leite de Souza Pereira, para escrivão de Leite d'esta comarca, o sr. João Marcos d'Araujo Ribeiro, escrivão ajudante da mesma.

O agraciado é digno do lugar em que foi provido; pois que, como ajudante, tem careado geraes sympathias. Todos os seus amigos em o numero dos quaes nos contamos, receberam com satisfação esta noticia, pelo que lhe enviamos cordeaux parabens.

Outras.—Foram nomeados escrivães de direito, para as comarcas de Fronteira os srs. Oliveira Coelho; para Vinhaes o sr. Joaquim Pinto Duarte; para Almada, o sr. Antonio Vieira e transferido para a Feira o que era da Fronteira.

Ordenação geral.—S. Ex.^a Rev.^{ma} o sr. Arcebispo Primaz, tendo de conferir ordens nas temporas da SS. Trindade, fez publico por edital que os requerimentos dos ordenandos serão apresentados na Camara Ecclesiastica até sabbado d'Aleluia inclusive.

Boletim do Clero e do Professorado.—Publicou se o n.º 516 do anno 11.º contendo parte official, litteraria, *folhetim*, despachos do livro da porta etc.

Assigna-se por anno, com estampilha, 2\$260 reis, por 6 mezes, 1\$230 reis, por 3 mezes, 655 reis Toda a correspondencia a *Morreira de Sá*—Rua do Barão, 43—Lisboa.

Recetta para extirpar os callos.—Esta incommoda alteração do epiderme é causada por calçado apertado, que comprime certas partes dos dedos dos pés, e tambem pelas dobras da meia. O uso de os cortar é impróprio, não só por que assim se renovam de continuo, mas igualmente pelo risco de ferir a parte quando se profunda muito o corte. O melhor meio de os extirpar completamente e em pouco tempo é o seguinte. Amollecce-se o callo mettendo o pé em agua quente, e com a unha se procura tirar a parte mais proeminente e dura, ou o que é melhor, queima-se a superficie com pedra infernal mohando-a levemente, ou com um palito molhado em acido vitriolico, e deixa-se eschar a escára; então applica-se-lhe em cima o seguinte emplastro estendido em panno de linho ou de algodão fino, e segura-se com uma tira do mesmo panno, e examina-se todos os dias de manhã antes de calçar as meias, tendo cuidado de não deixar dobra alguma sobre o callo. Póde renovar-se o emplastro de oito em oito dias; e dentro de um mez, quando muito, se esfarelará, e com a unha se poderá arrancar a raiz, por profunda que seja. A composição da massa emplastica é a seguinte: Cera amarella 3 onças, péz de Borgonha 4 onças, terebentina 2 onças, verdete preparado 1 onça; incorpore bem e estenda por igual aquecendo a massa.

Assombrosa constancia de S. Gregorio VII e de Pio IX.—Lemos no nosso excellente collega a «Nação o que se segue:

«S. Pedro, principe dos apostolos, e tu, S. Paulo, doutor das gentes, escutae as palavras do vosso vigario. Vós discipulos da verdade, pregoeiros do Santo Evangelho, inspira-me uma santa palavra, ponde a verdade em meus labios, alongae de meu espirito a falsidade, para que os meus irmãos em mim confiém, e vejam que pela confiança que eu tenho em vós e pela que eu tenho em Deus e na santa Mãe Maria, resiste aos peccadores e aos impios; mas protejo os fieis.

«Subi eu ao monte, bradei em alta voz improperando aos povos os seus peccados; e por isso os satelites de Satanaz se levantaram contra mim. Alçaram-se os reis da terra. uniram-se estadistas e plebeus em liga contra o Senhor e contra seus sacerdotes, disseram: Despedacemos o jugo d'elles; arrojemo-lo de nós.

«E para se desfazerem de mim, juraram servir ao rebelde, a Satanaz, ao pae da mentira».

«E' um discurso de Pio IX?

«Não; é uma falla que ha oito seculos, S. Gregorio VII dirigia aos embaixadores de Henrique, fulminando este aleivoso e fementido com o rigor que merecia. E passados seculos, um escriptor allemão, Voigt perguntou conceituosamente:

«Quando jámais do solio de Roma souu uma voz maior que essa para assombrar a Germania? Aquelles dictadores orgulhosos que do triumphal Capitolio senhoreavam o universo, poderiam por ventura á frente de mil legiões fallar, com uma semelhante pujança, ás suas provincias germanicas? Um sacerdote sem armas, a não ser a tremenda espada da sua palavra, mas com uma constancia formidavel ao mundo, fez o que antes e depois d'elle nenhum mortal ousaria fazer».

Um dia virá que em Allemanha, Suisa, Turquia, Italia, Russia e Portugal se ha-de escrever outro tanto de Pio IX. Porque elle tem não só os mesmos inimigos que S. Gregorio VII, mas tambem as mesmas virtudes e a constancia «formidavel» ao mundo.

Neste anno de 1873 cae o oitavo centenario da exaltação do Santo pontifice á sé de Pedro, e como este mesmo anno deve trazer as grandes luctas que hão-de preceder o suspirado e assaz profetisado triunfo, bom é que todos os fieis peçam a Deus e á Virgem Immaculada essa constancia formidavel por intercessão do Papa S. Gregorio VII. Com este fim os illustres redactores da «União Catholica» dirigiram humildes pedidos a Pio IX para que Sua Santidade haja por bem dictar uma oração, para se resar, enriquecida de santas indulgencias, ao grande pontifice seu predecessor e exemplar.

Ao mesmo tempo a folha sobredita convidou os catholicos italianos a testemunharem sua adhesão ao Vigario de Christo n'este anniversario secular, tributando-lhe o maior numero de offeras com que possam contribuir como signal de admiração e acatamento pela assombrosa constancia com que Sua Santidade propugna os direitos da Igreja a despeito dos mais soberbos inimigos, renovando os exemplos tão sublimes de S. Gregorio VII. Esta bellissima ideia foi festejada pelos fieis da Italia, e longas subscrições encheram desde logo muitas columnas da «União Catholica», sendo até preciso por esta causa dar um grande supplemento á folha do dia 18 de janeiro.

Porque de Portugal não irá tambem um generoso testemunho de affecto e admiração ao venerando captivo do Vaticano? Porque ha-de elle receber d'este canto da terra mais offensas e amarguras de que dadas e consolações?...

EXPEDIENTE

ADVERTENCIA

O escriptorio da redacção e administração d'este jornal já não é na rua do Souto, n.º 41, mas sim na *Travessa de S. João* n.º 10. Toda a correspondencia, pois, relativa á redacção e á administração deve ser dirigida para alli, aonde se achará sempre aberto o escriptorio e presente um empregado

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º sr. J. A. no escriptorio do jornal a *Nação*, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º sr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Em Vianna, Francisco José d'Araujo Junior, rua de D. Luiz.

Em Mondim de Basto o ill.º sr. João Baptista da Silva Ramos.

Na Covilhã, o illm.º sr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Lamego, o illm. sr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos srs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio Travessa de S. João n.º 10.

AGRADECIMENTOS

Manoel Ignacio da Silva Braga, muito grato aos seus amigos que o cumprimentaram e prestaram serviços por occasião do fallecimento do seu innocente filho Ezequiel, vem por este meio testemunhar-lhes o seu vivo reconhecimento e pedir desculpa de não agradecer pessoalmente.

Antonio José Antunes Reis, vem por este meio, pelo não poder fazer pessoalmente, agradecer aos seus amigos e a todas as pessoas em geral, que o cumprimentaram e a sua familia, tomando parte no seu justo sentimento por occasião do fallecimento de sua presadissima mãe, cujo funeral teve lugar no dia 16 do corrente mez de Fevereiro na capella do cemiterio d'esta cidade.

ANNUNCIOS

N. B.—A datar de hoje bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embala-la, o que lhe dá uma cor escura, e um gosto muito melhorado.

Extracto de um artigo do periodico de Paris—*Le Siecle*:

«O governo inglez decretou que se dê um premio muito bem merecido de 125:000 francos ao sr. doutor Livingston, pelos seus descobrimentos importantes na Africa. O celebre explorador que esteve dezeseis annos entre os habitantes de Oeste d'aquelle paiz (provincia d'Angola), communicou á real sociedade, promenores muito interessantes e curiosos acerca das condições moraes e physicas d'esses povos felizes e favorecidos da natureza.

«Sustentando-se da planta mais benéfica que produz essa terra fértil, a *Revalesciére*, elles se vêem isentos das enfermidades mais terriveis que podem atormentar a humanidade, taes como a tísica (consumpção), tosse, asthma, indigestão, gastrites, cancro, estreecimento e enfermidades dos nervos que desconhecem completamente.

BARRY DU BARRY & C.^a, praça Vendôme, 26, Paris.—Em caixas de folha de lata, de 1/4 kil. 500 réis; 1/2 kil. 800 rs; kil. 1\$400 réis; 2 1/2 kil 3\$200 réis; 6 kil. 6\$400 réis; 12 kil 12\$000.

A Revalesciére chocolata da Barry em pó Finissimo alimento, summamente substancial, que fortifica o estomago, os nervos e as carnes, sem causar dores de cabeça nem febres, nem nenhum dos demais inconvenientes produzidos pelos chocolates usualmente empregados. Em pó, em caixas de 12 chavenas, 500 réis; de 24 chavenas, 800 rs; de 48 chavenas, 1\$400 réis; de 120 chavenas, 3\$200 réis, ou 25 réis por chavena.

BARRY DU BARRY & C.^a, praça Vendôme, 26, Paris.—Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 réis; 1/2 kil. 800 réis; 1 kil. 1\$400 réis; 2 1/2 kil. 3\$200 réis; 6 kil. 6\$400 rs. 12 kil. 12\$000.

Em pó, em caixas de 12 chavenas, 500 réis; de 24 chavenas 800 réis; de 48 chavenas, 1\$400 réis; de 120 chavenas. 3\$200 réis, ou 25 réis por chavena.

Depositos:—Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Mag. Haças Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm., Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Banharia, Viuva Desire Rahir, rua de Cedofeita 92, J. R. de Sequeira, rua da Banharia 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna do Castelo, Alfonso, droguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povoá do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

«Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello & C.^a** Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.» Deposito em *Pernambuco*: Ferreira, Maia & C.^a, rua Duque de Caxias. (D)

Vendem-se tres moradas de casas, sitas, uma na rua de Santa Margarida, com o n.º 2, proxima á ultima escada da Guadalupe, terrea, com duas portas e uma janella; outra, de dois andares, e janellas envidraçadas, na rua de traz da igreja de S. Thiago, com o n.º 10; e a ultima no largo de Nossa Senhora A Branca, arruinada, com o n.º 19. Quem as pretender, póde tratar com Antonio Ignacio Marques, morador no Campo de Sant'Anna, desta cidade. (97)

O MILAGRE

A CRITICA MODERNA OU **A IMMACULADA CONCEIÇÃO DE LOURDES**

Opusculo offerecido á Associação Catholica Portuense

PELO **P.º José Joaquim S. Freitas.**

O producto da venda d'este opusculo foi applicado e offerecido por seu auctor para as despezas do Monumento da Immaculada Conceição, que se está construindo no monte Sameiro, suburbios de Braga.

Vende-se em Braga em casa do sr. D. J. Vieira Machado, Praça Municipal (Campo dos Touros), n.º 17, a quem se podem fazer as requisições que os pertendentes quizerem; os srs. livreiros que desejarem

porção, com dinheiro á vista, terão abatimento de 15 por cento.

Nas livrarias Catholicas de Braga, Lisboa e Porto, e nas principaes terra do reino. Preço em broxura 100 com estampa da gruta. 160

BIOGRAPHIA

do **SUMMO PONTIFICE**

PIO IX.

Extrahida do Periodico La Stella

TRADUZIDA POR

J. A. V. S.

Vende-se em Braga na rua Nova de Sousa n.º 3—E, e nas livrarias, Catholica, rua do Souto, Germano, Bracaraense e Chardron. — No Porto Lisboa e principaes terras. Preço. 120 rs.

OS DIFFAMADORES DO CLERO CATHOLICO

PELO

Abade *Toumissoux*

Traduzido por **A. M.**

Preço 200 rs.

A' venda na Livraria Internacional de Eugenio Chardron, Largo de S. Francisco n.º 4, Braga.

A EGREJA CATHOLICA ROMANA

E

OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes por que ha passado a Igreja — seus triumphos — castigos dos seus inimigos,

POR

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

(Porte inferi non praevalent adversus eam. MATH. XVI, 18.)

Sob este titulo vae brevemente sahir á luz um livro, no qual se historiam as crises mais perigosas, por que tem passado a Igreja de Jesus Christo, e se demonstra como, no decurso de 19 seculos, não tem deixado de patentear-se a divina protecção prometida á mesma Igreja pelo seu Fundador: — *E as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

Mostra-se mais, á luz da historia, que se os inimigos perseguidores da Igreja jámais têm ficado impunes, especialmente aquelles, que tem exercido as suas violencias na pessoa dos successores de S. Pedro, os Pontifices Romanos.

Nos tempos perigosos e dificeis, que vamos atravessando, a leitura d'esta obra será de algum proveito, para fortalecer os tibios, alentar os fortes, e lembrar aos que abuzam do seu poder e auctoridade em detrimento dos direitos da Igreja, que algum dia soarão para elles a hora da divina justiça, como tem soado sempre para os perseguidores contumazes da Esposa do Cordeiro.

Esperamos pois que o publico protegerá uma publicação, cujo é prestar um serviço á causa da Religião que é tambem (e agora mais do que nunca) a cauca da sociedade.

As pessoas que desejarem obter este excellento livro, que será impresso em bom typo e optimo papel pela diminuta quantia de **400 reis** queiram assignar no presente prospecto e devolvê-o depois á livraria do editor Jacintho A. Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134 a 136, no Porto, onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.

Tambem se recebem assignaturas nas seguintes localidades:

Em Lisboa, na Livraria Catholica, José A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferino, Campos Junior, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e outros.—Em Braga, Livraria Catholica.—Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha.—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, e José Maria d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Marianno Machado,

IMPERIO DO BRAZIL

Preço por assignatura, encadernado 2\$010 réis.

Rio de Janeiro, ao cuidado dos srs. Jacintho A. Pinto da Silva Junior, rua Nova do Ouvidor, n.º 25, (casa do sr. Pereira Braga) e Antonio Alves Matheus, rua da Quitanda, n.º 177. — Em Pelotas (Rio Grande do Sul) ao cuidado do sr. José Antonio Gonçalves Rodrigues.

LIVRARIA

DE

EUGENIO CHARDRON

Chateaubriand - Os Martyres, 2. vol. 1\$400 — Genio do Christianismo, 2 vol. 1\$300 *Cardal Wissemann* - Fabiola ou a Igreja das Catacumbas, romance religioso, 2 vol. 1\$300 *Roquette* - Sermões em honra de N. Senhora, 1 vol. 1\$200 *Roquette* - Homelias e Sermões . . . 1\$800 *Guillois* - Explicação litteral e moral das Epistolas e evangelhos, 2 vol. 1\$300 *Veillot* - Vida de Jesus Christo 1. vol. 400 *Padre Marchal* - A mulher como deveria sel-o, 1 vol. 400 *Padre Gaume* - Onde estamos? 1 vol. 500 Vozes propheticas, ou Apparições e predições etc., tração do Rvd.º P.º Marnoco, 1. vol. 2\$0 Todos estes livros são remittidos francos pelo correio.

BRADOS D'ALMA

Collecção de diversos escriptos sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura POR

CUSTODIO VELLOSO

Preço..... 500 réis

(Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d'este jornal.

VIDA DO NOVO BISPO D'ANGRA

POR

Carlos José Caldeira.

Folheto de 120 pag., com o retrato em gravura do mesmo bispo, nitidamente impresso na typographia de Castro Irmão.

Contém 12 capitulos com os seguintes titulos: Sua infancia—Estudante em Sernache do Bom Jardim—Administrando os negocios publicos na terra do seu nascimento—Estudante na Universidade—Secretario do bispo de Bragança—Deão e vigario geral em Leiria—Superior do collegio das Missões—Estado do collegio das Missões, e elogios officiaes ao seu superior—Crise no collegio das Missões Ultramarinas—Bispo eleito e confirmado de Macau—Sagração do bispo d'Angra—Caracter do bispo d'Angra.

Tem um aditamento dividido em 4 capitulos com as rubricas: Analyse do relatório que procede o decreto de 21 de setembro de 1870 (que reorganizou o seminario de Macau)—Analyse do mesmo decreto—Effeitos do novo regulamento do Seminario de Macau—O padroado portuguez na China.

Vende-se em Lisboa nas livrarias Lavado, rua Augusta; Rodrigues, rua do Ouro; Catholica, rua dos capelistas; Mesquita, em Coimbra; Catholica no Porto, e nas principaes de Braga, Bragança, Leiria e Guimarães.

PORTUGAL DESDE 1828 a 1834

(obra historica)

POR

Francisco A. da Cunha Pina Manique

Está á venda em Lisboa na Livraria Lavado, rua Augusta 95, e na loja de papel do sr. Silva, rua Nova do Almada n.º 68. Preço 600 réis.

PORTUGAL

NA SUA DECADENCIA

OBSERVAÇÕES POR

Um Amigo da Patria

E DADO A LUZ POR

L. F. de Castro Soromenho.

Vende-se por 120 em Lisboa na rua da Condessa n.º 58, 1.º andar.

THEATRO

DE

S. GERALDO

Companhia Lyrica Italiana

Quarta feira 19

2.ª RECITA D'ASSIGNATURA

POLIUTO.

Preços d'assignatura. — Camarotes de 1.ª ordem frente 4\$000 rs. lados 3\$800, 2.ª ordem frente 5\$300, lados 4\$800, 3.ª ordem 1\$300. Plateia superior 800, geral 500.

Avulso—1.ª ordem frente 5\$000, lados 4\$500 2.ª ordem frente 6\$000, lados 5\$000, 3.ª ordem 2\$000. Plateia superior 1\$000, geral 700. Galerias frente 200, geral 160 reis.